

Assassinato de Pierre Gemayel. Quem lucrará com o crime?

Rania Safar . IEEI

O assassinato do ministro da Indústria libanês, Pierre Gemayel – neto do fundador do Partido Falangista e sobrinho de Bachir Gemayel – inscreve-se numa sequência de outros catorze atentados cometidos desde Outubro de 2004, com o objectivo de exacerbar as divisões internas e de tentar semear a discórdia, designadamente no seio da comunidade cristã. Este assassinato, desta vez, ocorreu no contexto de uma perigosa crise política no Líbano.

A oposição (composta essencialmente pelo Hezbollah e pelos movimentos Amal e do general Michel Aoun) dizia-se determinada a fazer cair o governo do primeiro-ministro Fouad Seniora. Seis ministros próximos da Síria – dos quais cinco são representantes do Hezbollah e do movimento Amal e um do Presidente da República – tinham-se demitido dez dias antes, em protesto contra o projecto de lei para a criação de um tribunal de carácter internacional para o julgamento do assassinato do primeiro-ministro Rafic Hariri, em Fevereiro de 2005.

Damasco e os seus aliados no Líbano não podiam aceitar a formação deste tribunal, cujos trabalhos podem atingir directamente altos responsáveis sírios e libaneses. A sua manobra consistia em obter uma minoria de bloqueio no governo – isto é, um terço do número total dos ministros – 9 ministros em 24 – e/ou tentar obter uma nova maioria parlamentar, provocando a organização de eleições legislativas antecipadas, sob pressão popular, nomeadamente dos partidários do Hezbollah.

Com o assassinato de Pierre Gemayel, são já sete os ministros ausentes do governo. A morte, à bala ou por explosão da sua viatura, de um oitavo ministro desencadearia a queda do governo (seis ministros demitidos, o ministro do Interior, Ahmad Fatfat, é ministro interino, e Pierre Gemayel que foi assassinado). Trata-se de uma “contabilidade” macabra, que serviria aqueles que têm todo o interesse na desintegração do Estado libanês e no regresso da Síria à cena política libanesa.

O assassinato de Pierre Gemayel, por outro lado, ocorre na altura em que se retomaram as relações entre a Síria e o Iraque, depois de mais de 25 anos de ruptura e no momento em que os EUA procuram uma saída do pântano iraquiano. O equilíbrio de forças internas no Líbano – e isto não é novo – será fruto das disputas da conjuntura regional.

A bola está agora no campo da oposição e, nomeadamente, do Hezbollah. As respostas de cada um deles (quer se trate de Michel Aoun, chefe do Movimento Patriótico Livre, Nabih Berri, chefe do movimento Amal ou Hassan Nasrallah) ao assassinato de Pierre Gemayel irá revelar – nos próximos dias – os seus cálculos e intenções políticas.

Pode-se questionar como poderá Michel Aoun prolongar a sua aliança com o Hezbollah que, até agora, o tem obrigado a fazer acrobáticas contorções para tentar preservar a sua popularidade no seio de uma base, na sua maioria da comunidade cristã, que lutou, desde os anos 90, contra a tutela síria no Líbano. Base que só pode estar afectada com

um assassinato tão sórdido como o que vitimou Pierre Gemayel, um nome preñado de sentido e simbologia no Líbano.

Esperava-se que a participação de Nabih Berri no funeral de Pierre Gemayel fosse sinal de apaziguamento da tensão com a facção do 14 de Março. Neste país do consenso, algumas perguntas se impõem: quem irá lucrar com o reequilíbrio de forças, para que lado se inclinará a balança?